

**O jornal biográfico: a construção da imagem pública do poeta e jornalista Mauro Mota por meio das análises do *Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *O Jornal***

Tércio de Lima Amaral

Doutorando em História, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE

[tercio.amaral@uol.com.br](mailto:tercio.amaral@uol.com.br)

**Introdução**

Crítico literário, gestor de instituições científicas e culturais, jornalista, professor de Geografia e poeta. Essas foram algumas das ocupações e profissões de Mauro Ramos da Motta e Albuquerque, mais conhecido como Mauro Mota. Nascido, oficialmente, em 16 de agosto de 1911, no Recife, apesar de alguns estudos mostrarem que a data foi forjada para disfarçar o atraso na conclusão dos estudos<sup>1</sup>, sua carreira foi marcada pelo alcance nacional de sua obra literária e a fidelidade ao sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, mesmo que, em alguns momentos, essa relação tenha sido problemática. Nosso estudo faz parte de uma pesquisa de Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da qual apresentamos resultados parciais, e analisa o que hoje denominaríamos de “publicações nacionais”, ou seja, jornais de grande repercussão no Brasil, em nosso período de análise, e que contribuíram para construção da imagem pública de vários intelectuais brasileiros, inclusive do poeta recifense, Mauro Mota.

Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, Mauro Mota não prosseguiu na atividade jurídica. No jornalismo, por outro lado, desempenhou importantes funções e foi presença certa nos impressos pernambucanos por quase cinquenta anos. Começou como secretário e chegou ao cargo de redator-chefe do jornal *Diario da Manhã*, entre os anos de 1935 e 1941. No *Diario de Pernambuco*, iniciou no ano de 1941, onde começou como redator, mas posteriormente assumiu diversos cargos, inclusive os de secretário de redação, editor e até diretor da empresa. Neste jornal, contribuiu com artigos até próximo de seu falecimento, em 22 de novembro de 1984, na

---

<sup>1</sup> Mauro Mota teria nascido no ano de 1908, no Recife, apesar de publicamente ter adotado o ano de 1911 como data de nascimento. O assunto é tratado em um artigo de autoria de seu filho, o antropólogo Roberto Motta, que pesquisou versões de certidões de nascimento e fichas do intelectual enquanto estudante da Faculdade de Direito do Recife. Em virtude de problemas financeiros, apesar de descender de uma família tradicional, Mauro Mota acompanha a família e passa parte da infância em Nazaré da Mata e finaliza, com dificuldades, seus estudos básicos no Recife (MOTTA, 2012).

capital pernambucana. Mauro Mota foi ainda diretor executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), atual Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), membro dos Conselhos Estadual e Federal de Cultura, imortal das Academias Brasileira e da Pernambucana de Letras. Foi, ainda, professor de geografia do Instituto de Educação de Pernambuco - IEP, além de outros colégios recifenses, e diretor do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje). Era filho de José Feliciano Mota e de Aline Alice Mota Albuquerque, união que deu ao poeta dez irmãos. Em 1939, casou com Hermantine Soares Cortez, com quem teve os filhos Roberto e Luciana, ficando viúvo em 1947. Em 1949, casou com Marly Arruda, com quem teve Maurício, Sérgio, Eduardo e Teresa Alexandrina.

O seu primeiro trabalho de projeção nacional são as *Elegias*, publicadas em livro no ano de 1952, vencedor do Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. As *Elegias* – poesias tristes, composta como lamento de morte – são dedicadas à sua primeira mulher, Hermantine Soares Cortez. As poesias marcadas pela figura feminina são consideradas “seu principal trabalho poético e o mais conhecido pela crítica” (PEREIRA, 1985, p. 75). Após esse trabalho, foram publicados, pelo menos, mais 11 livros com poesias, entre os anos de 1956 e 1983 (REVISTA, 1983-1984). Como cientista social, Mauro Mota deixou uma obra considerável dos anos 1940 aos 1980, quando atingiu, na nossa avaliação, sua “maturidade intelectual”. É bom mencionar que boa parte desses livros é dedicada aos hábitos de alimentação, ao debate sobre história de Pernambuco, as dificuldades e soluções ao homem do Nordeste, a discussão em torno da linguagem e também da literatura. Parte da produção voltada às ciências sociais do autor está balizada temporalmente no período em ele que exerceu a diretoria executiva do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). Paralelo aos seus registros poéticos – que não vamos analisar aqui – sua obra é relacionada a perdas e certa inquietação sobre a passagem do tempo. Foram mais de 20 livros publicados, sem contar as reedições, prefácios e artigos, entre os anos de 1952 e 1984 (REVISTA, 1983-1984).

Analisamos as edições de três jornais: *O Estado de S. Paulo*, da então maior capital brasileira e centro financeiro do país, São Paulo, e os jornais *O Globo* e *O Jornal*, ambos do Rio de Janeiro, cidade que, em parte de nossa análise, foi capital do

Brasil até a década de 1960, quando então Brasília tornou-se a sede do governo federal, no ano de 1960. No caso do *O Jornal*, além de estar localizado no Rio de Janeiro, esse impresso foi o primeiro veículo de comunicação do jornalista paraibano e fundador dos *Diários Associados*, Assis Chateaubriand, também autointitulado “órgão líder” do conglomerado de comunicação que chegou a ser considerado um dos mais importantes do mundo nas décadas de 1950 e 1960. *O Jornal* servia como vitrine para os demais profissionais dos *Associados* no país, que conseguiam emplacar matérias e entrevistas. Essa função nas empresas do grupo, posteriormente, ficou com o jornal *Correio Braziliense*, localizado em Brasília, também fundado por Assis Chateaubriand, depois da transferência da capital federal.

As edições do *O Estado de S. Paulo* compreendem o recorte de 29 de março de 1953, quando encontramos os primeiros registros sobre nosso biografado, até 7 de março de 1987. As últimas matérias faziam o obituário e análises do legado do poeta após sua morte. Já as de *O Globo* são de 9 de janeiro de 1970 até 11 de dezembro de 2004. E de *O Jornal*, de 8 de setembro de 1945 até 6 de novembro de 1971. Foram analisadas 52 páginas no *Estadão*, 11 em *O Globo* e 64 em *O Jornal*. A baixa quantidade de páginas em *O Globo* reflete uma opção editorial das Organizações Globo, que concorria diretamente com os *Associados*. Já o grande número de páginas em *O Jornal* se deve ao fato de que, no caso desse jornal, ao contrário dos outros dois, analisamos também artigos e crônicas publicadas pelo próprio Mauro Mota. Aliás, Mauro foi funcionário dos *Diários Associados*, no jornal que pertencia ao Grupo do *Associados*. Ele foi redator, editor, diretor e colunista do *Diário de Pernambuco* (ainda o jornal em língua portuguesa mais antigo em circulação), mas que está fora do Grupo dos *Associados* desde o ano de 2015.

A análise desses jornais nos permitiu avançar em informações não fornecidas por dois estudos biográficos já produzidos sobre Mauro Mota. O primeiro é o do jornalista Nilo Pereira, intitulado *Mauro Mota e seu tempo* (1987), e o segundo foi produzido pelo médico e antropólogo, Waldemar Valente, intitulado *As diabruras de Mauro Mota* (1986). Ambos os trabalhos foram realizados por amigos pessoais de Mauro, e no caso de Valente, o registro é construído por meio de “causos”, muitas histórias vivenciadas e compartilhadas com humor. Neste sentido, dialogamos com o

trabalho do historiador francês François Dosse (2015), que argumenta que uma biografia está suscetível a diversas atualizações ao longo do tempo. “A biografia de um pensador implica reaver, à maneira de Starobinski, a unidade do gesto que é o seu, próprio de seu ser, sabendo que este é suscetível de múltiplas alterações e modificações” (DOSSE, 2015, p. 375), destaca, ao considerar que o significado de uma vida nunca é unívoco, tanto pela importância das mudanças do tempo e a recepção da obra do biografado, que é correlativa do momento e do meio que se apropria.

“A isso cumpre ainda ajuntar que o biógrafo não pode pretender, mesmo ao preço de uma pesquisa tão exaustiva quanto possível, a nenhuma chave que viria saturar o significado de uma vida”, completa Dosse, que reitera que a psicanálise nos ensina que, mesmo por um longo trabalho sobre si, não se chega verdadeiramente a mais acesso à verdade (DOSSE, 2015, p. 375). Em outras palavras, se o relato de si próprio é uma tarefa impossível, o relato sobre o outro, que não conhece a si mesmo, também tem suas limitações. “O biógrafo, em posição sempre exterior, apesar de sua empatia, não pode conseguir melhor, tanto que o sentido permanece sempre aberto às questões ulteriores, no tempo futuro” (DOSSE, 2015, p. 375). Entendemos, assim, os trabalhos de Nilo Pereira e de Waldemar Valente como produtos de um tempo – ambos foram produzidos em fins da década de 1980 – e são suscetíveis a revisões e complementações, assim como nosso presente trabalho.

Nosso artigo se concentra em três eixos temáticos a partir da análise da documentação: *movimentos políticos*, que mostra a tendência de Mauro Mota para determinados campos de poder em determinados momentos históricos; *detalhes da eleição e da posse na Academia Brasileira de Letras*, que revela, por meio dos jornais, os bastidores da escolha como novo imortal e os detalhes da posse; e por fim, a *rede de relacionamentos*, que apresenta as notícias favoráveis à sua figura e à sua obra por meio dos contatos e amizades no círculo da imprensa. A escolha de jornais fora de Pernambuco, estado natal de Mauro Mota e o qual ele dedicou sua carreira na imprensa, teve como objetivo comparar o desempenho do jornalista e poeta a partir do olhar de fora do estado, para poder flagrar, assim, uma dimensão do seu trabalho no país. Além disso, essa não foi uma documentação explorada pelos dois biógrafos de Mauro Mota até então em seus respectivos trabalhos.

### Movimentos políticos

O jornalista e escritor Jodeval Duarte (2001), que produziu um livro sobre o suplemento literário que Mauro Mota editou no *Diário de Pernambuco*, entre os anos de 1947 e 1959, acabou mitificando uma ausência de análise em suas duas biografias já citadas: a de que Mauro Mota estava alheio à política. O autor reproduz um artigo do poeta Waldemar Lopes que relata que “faltou a Mauro Mota a emoção da atividade partidária”. (JODEVAL, 2001, p. 211). No entanto, boa parte da carreira de Mauro Mota cruzou ou dependeu, total ou parcialmente, da política, seja ela partidária ou não. Os primeiros registros da ação política do poeta aconteceram na Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento de extrema direita, simpático ao fascismo. Mauro Mota figura entre os primeiros líderes do movimento em Pernambuco na Faculdade de Direito do Recife. Entre eles, estavam também Álvaro Lins, amigo de infância, João Roma, Gilberto Osório de Andrade e Lúcio Costa Pinto.

Em prontuário no Departamento de Ordem Polícia e Social de Pernambuco (DOPS-PE), uma fotografia reproduz Mauro Mota junto com alguns desses personagens como “os primeiros camisas verdes da província de Pernambuco” (MORAES, 2014, p. 13). Intelectual posteriormente identificado com a esquerda e com papel de destaque nos anos 1960, Paulo Cavalcanti afirma que conheceu Mauro Mota logo depois da Revolução de 1930 e, junto com ele, comungou no Integralismo ao lado de incrédulos da política. “Uma geração de moços intelectuais viu-se envolvida nas malhas do fascismo, acreditando em suas promessas. Era a geração de (...) tantos e tantos que, de alma leve, buscavam caminhos diferentes para solucionar velhos problemas sociais”. (CAVALCANTI, 1993, p. 109). Na verdade, a mitificação do sujeito apolítico de Mauro Mota também parte do próprio poeta. Na seção *O que eles pensam, dizem, fazem*, de *O Jornal*, de 23 de fevereiro de 1957, ele afirma as dez coisas que mais detesta, entre elas está a política. O curioso é que escrever é uma delas. “1. Cebola; 2. Mexerico; 3. Política; 4. Escrever; 5. Acordar cedo; 6. Telefone; 7. Rádio; 8. Roupas de casimira; 9. Emprestar livros; e 10. Hora certa” (O JORNAL, 1957), confessa.

Em *O Jornal*, a primeira aparição de Mauro Mota se dá durante o processo político da década de 1945, na qual o *Diário de Pernambuco* fazia diversas críticas ao

regime do presidente Getúlio Vargas e seu representante no estado, o então o ministro e interventor, Agamenon Magalhães. No mesmo ano, o jornal demonstrou apoio à candidatura presidencial do Brigadeiro Eduardo Gomes. O jornal pernambucano chegou a ser palco de um comício em sua sede, onde um estudante da Faculdade de Direito do Recife – Demócrito Souza Filho – foi atingido e morto por um tiro na varanda da empresa, que dava para a Praça da Independência, no Centro do Recife, no dia 3 de março de 1945. O comício também contou com a presença do escritor Gilberto Freyre, que nos anos 1920 e nos anos 1930 assumiu a direção do jornal por curtos períodos. O operário Manuel Elias dos Santos, conhecido como Manoel Carvoeiro, que estava assistindo ao comício com populares, também foi atingido pelos disparos e morreu.

“Foi o edifício ocupado pela polícia militar, sendo apreendidas as matrizes da edição do dia 4, e presos, à saída da redação, o repórter Hélio Pinto, às 11 horas da noite; e o redator-chefe Aníbal Fernandes, às dois e meia da madrugada” (NASCIMENTO, 1968, p. 167). Outros redatores do jornal foram conduzidos à Casa de Detenção, mas foram liberados pela manhã. No jornal carioca, Mauro Mota aparece na capa em fotografia participando de um protesto contra a ação da polícia no *Diario*, em 8 de março de 1945, no qual faz um discurso em defesa da liberdade de imprensa ao lado do então fundador do grupo, Assis Chateaubriand. Em 8 de setembro de 1945, Mauro Mota ainda assina um amplo artigo na edição de *O Jornal* deferindo diversas críticas a Agamenon Magalhães e Etelvino Lins – que, com o afastamento de Agamenon para o posto de ministro, assume a intervenção do estado. “Neste ano trágico de 1945, voltamos, impelidos pela brutalidade fascista, que aqui sobrevive às atas de Berlim e do Missouri, ao primitivismo da selva. E vivemos – se isto é viver – expostos ao sangue” (MOTA, 1945), diz um trecho do artigo, que também denuncia a coerção do estado na imprensa e investigações no judiciário “Há muito tempo, o jornalista Aníbal Fernandes vive marcado pelo ódio animal dos senhores Agamenon Magalhães e Etelvino Lins, o que é uma forma de viver assediado pela reclusão e pela morte, a um passo da cadeia e a outro da cova” (MOTA, 1945).

Anos mais tarde, no jornal *O Estado de S. Paulo*, Mauro Mota, aparentemente, faz um gesto de aproximação com Etelvino Lins, agora governador eleito de Pernambuco. A edição de 26 de novembro de 1952 destaca a visita oficial do

governador pernambucano e uma comitiva ao governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, que teve direito a visitas de entidades comerciais e a um banquete no Palácio dos Campos Elísios (antiga sede do governo). Além de Mauro Mota, acompanharam a comitiva repleta de políticos, os jornalistas Gilberto Osório de Andrade, Mucio Uchôa Cavalcanti, José Bezerra Honorato de Freitas e Luiz Beltrão, presidente da Associação Pernambucana de Imprensa e posteriormente o primeiro doutor em Comunicação do Brasil (O ESTADO, 1952). O jornal *O Estado de S. Paulo*, na edição de 19 de abril de 1966, também demonstra outro gesto de Mauro Mota e um grupo de intelectuais ao poder político. A matéria *Poeta recebe condecoração* trata da cerimônia, no Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em que o poeta pernambucano e imortal da Academia Brasileira de Letras, Manuel Bandeira, recebe Ordem Nacional do Mérito, grau comendador, do então presidente e ditador brasileiro Castelo Branco.

“Após o presidente da República ter destacado o significado da entrega da condecoração, discursou o sr. Roberto Marinho. Bandeira agradeceu em rápidas palavras, acentuando que a Ordem Nacional do Mérito é a primeira condecoração que recebe em vida” (O ESTADO, 1966). Na época, apesar de não fazer parte da Academia, Mauro Mota foi um dos convidados da cerimônia. Sua ligação com o regime militar-civil era o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), instituição de pesquisa que dirigia no Recife cujo cargo era de livre nomeação do Ministério da Educação. A cerimônia foi acompanhada pelos acadêmicos Austregésilo de Athayde e Múcio Leão. O marechal Castelo Branco, segundo a reportagem, recebeu dois livros de presente de Manuel Bandeira, *Meus poemas preferidos*, de sua autoria e com dedicatória, e um estudo do escritor francês Michel Simon sobre sua obra. De acordo com o historiador Diogo Cunha (2014), a Academia Brasileira de Letras atuou durante o regime militar-civil de 1964 como “uma correia de transmissão, difundido um discurso conservador enquanto discurso neutro e ‘apolítico” (CUNHA, 2014, p. 548). Segundo ele, o relacionamento entre acadêmicos e militares ou civis próximos a ditadura teriam um impacto efetivo. “Por exemplo, a presença de altos dignitários da ditadura nas comemorações ou cerimônias de posse, inclusive do próprio presidente da República, podia ser mais efetiva na legitimação do regime do que um artigo escrito em um jornal” (CUNHA, 2014, p. 548).

Outro exemplo exposto pelos jornais dos movimentos políticos de Mauro Mota é a nomeação como diretor executivo do IJNPS, atual Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Depois da escolha do poeta Ascenso Ferreira ao cargo – que logo foi afastado pela repercussão negativa, Mauro Mota surge como um nome de consenso. Em *O Jornal*, de 8 de abril de 1956, o sociólogo Gilberto Freyre – fundador do Instituto, quando deputado federal por Pernambuco, em fins dos anos 1940 – elogia a escolha do então presidente Juscelino Kubitschek. “Revelou-se o presidente da República homem para que os problemas regionais de cultura e economia existem não só em suas formas extensivas e cruas como também sob a configuração de objetos de estudo científico” (O JORNAL, 1956). Posteriormente, Gilberto Freyre atribuiu a si o fato de Mauro Mota assumir a direção do Instituto (REVISTA DO ARQUIVO; 1983-1984, p. 98). Mas, a nomeação, de fato, teve a participação decisiva do crítico literário Álvaro Lins, então chefe da Casa Civil de Juscelino. Álvaro era amigo de Mauro Mota – foram colegas no ensino básico, no Colégio Salesiano do Recife, e contemporâneos na Faculdade de Direito e no Movimento Integralista – ele agiu para que o nome de Mota fosse o escolhido pelo presidente (PEREIRA, 1987, p. 139). Mauro Mota ficou no cargo entre os anos de 1956 e 1970.

### **A eleição e posse na Academia Brasileira de Letras**

A candidatura, a eleição e posse de Mauro Mota à Academia Brasileira de Letras (ABL) foram amplamente divulgadas nas “publicações nacionais” analisadas neste artigo. Segundo *O Jornal*, ele foi o quinto jornalista do *Diário de Pernambuco*, jornal também dos *Diários Associados*, a integrar os quadros da Academia. O próprio Mauro Mota lembrou-se do fato em discurso no Caxangá Ágape, no Recife, onde recebeu homenagem. A notícia publicada no dia 24 de janeiro de 1970, foi enviada do Recife ao Rio de Janeiro por meio da *Agência Meridional*, também dos *Associados*. “Outros imortais redatores do jornal associado foram Gilberto Amado, Aníbal Freire, Artur Orlando e Assis Chateaubriand” (O JORNAL, 1970, p. 2). *O Estado de S. Paulo* também destacou a entrada do poeta desde o processo de candidatura.

“O poeta Mauro Mota espera ser eleito sem dificuldade (...) na cadeira que foi ocupada por Gilberto Amado, porque durante as duas semanas que permaneceu na

Guanabara, antes de retornar ao Recife, sentiu a receptividade aliançada por seu nome” (O ESTADO, 1969), diz matéria publicada em 10 de outubro de 1969. Mauro Mota concorreu com o jurista e professor, Thiers Martins Moreira, e venceu a eleição no dia 8 de janeiro de 1970 com 21 votos contra 16. Apenas o acadêmico Odilo Costa Filho não votou, porque não tinha assumido ainda a cadeira. “Tão logo terminou a eleição, os acadêmicos presentes se dirigiram ao Hotel Flórida, no Catete, para homenagear o novo acadêmico. O general Lira Tavares compareceu ao hotel” (O GLOBO; 1970), disse *O Globo* em matéria de 9 de janeiro de 1970. O general estava candidato à Academia para a vaga deixada por Múcio Leão e concorreria com o poeta alagoano Lêdo Ivo, que acabou derrotado na disputa<sup>2</sup>, mas que, posteriormente, foi eleito imortal em outra disputa já em meados da década de 1980.

A matéria de *O Globo* ainda trata da relação familiar do vitorioso com o também acadêmico João Cabral de Melo Neto, poeta e diplomata pernambucano. Os dois eram primos. João Cabral contou que estava em Barcelona, no Consulado do Brasil, quando recebeu um telegrama de Mauro Mota que se passou pelo bisavô que os dois tinham em comum: Seu Melo das Tabocas. “Quero seu voto para Mauro, porque quero dois bisnetos na Academia. ‘Seu Melo do Engenho Tabocas’” (O GLOBO, 1970). Reconhecendo a brincadeira, segundo o jornal, João Cabral respondeu o seguinte: “Como não sei em que círculo do céu, inferno ou paraíso posso localizar ‘Seu Melo das Tabocas’, mando-lhe o voto por seu intermédio” (O GLOBO, 1970). Além da campanha do primo acadêmico, Mauro Mota também contou com a influência de outro

---

<sup>2</sup> Em artigo publicado, o historiador Diogo Cunha (2014), estudioso da relação dos militares e líderes de governo e a Academia Brasileira de Letras durante regime militar-civil de 1964, traz referências de que o general Lyra Tavares jamais pensaria atingir a imortalidade. O autor também entrevistou o poeta Lêdo Ivo, já falecido, no ano de 2011, derrotado em primeira eleição contra o general, que defendeu a interferência do regime no período: “Têm informações que eu poderia lhe dar, por exemplo, sobre o caso do Lyra Tavares. Porque a relação da Academia Brasileira de Letras com a ditadura brasileira foi ambígua. Ao mesmo tempo em que o Austregésilo procurava os militares para defender o Carlos Nejar ele precisava dos militares. Por exemplo, esse prédio que a gente está foi doado pelo Médici, né? O Médici deu. O chefe da Casa Civil era o Leitão de Abreu, cunhado de Lyra Tavares, Ministro da Guerra, que a Academia elegeu (...) Era uma eleição inteiramente garantida. Eu ia ganhar com uns 25 votos ou mais. Então minha situação mudou nas últimas semanas, mudou de repente. Começou o rumor que a Academia precisava de uma vaga para dar urgentemente ao general Lyra Tavares (...) De modo que eu, sem saber, pobre poeta alagoano que fui envolvido numa das maiores conspirações que já houve na história da Academia durante a ditadura, né?”. IN CUNHA, Diogo. Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964-1985). História Unisinos, Setembro/Dezembro 2014. p. 551.

imortal: o seu amigo de infância, de militância e companheiro de fase adulta, Álvaro Lins, que inclusive estava preparando o discurso de recepção do amigo quando faleceu em 4 de junho de 1970. Em artigo publicado em *O Jornal*, Mauro Mota fala da importância de Álvaro na sua vitória.

“Álvaro Lins morreu. Morro um bocado com ele, pois a gente não se acaba de vez. Acaba-se gradualmente com os episódios vividos, com as coisas e as criaturas que ama” (O JORNAL, 1970), afirmou em artigo publicado em 9 de junho de 1970. “Foi o crítico e foi o amigo firme e leal. Durante a minha recente campanha de eleição a A.B.L., lutou a meu favor talvez mais do que o fizesse para ele mesmo” (O JORNAL, 1970). No artigo, Mauro Mota lembrou a convivência dos dois em vários momentos: no Colégio Salesiano, do Recife, onde se conheceram, a pensão de estudantes na Rua do Sebo, a Faculdade de Direito, no qual foram contemporâneos, os jornais de colégio e seminários de Caruaru e Nazaré da Mata, além das revistas do Recife. Os dois também foram colegas no jornal *Diario da Manhã*, no gabinete do então governador, Carlos de Lima Cavalcanti, participaram do Silogeu Pernambucano de Letras, e tiveram itinerários recifenses em comum: o fiteiro de Miguel, na Rua da Imperatriz, onde compravam cigarros e revistas, o Bar da Aurora, nos domingos de regata, os grupos de calçada do Café Lafayette e os banhos de mar (O JORNAL, 1970).

O jornal *O Estado de S. Paulo* apostou no currículo do poeta e **na cobertura** da vitória de Mauro Mota para a Academia. Destacou, também, que o primeiro voto recebido por Mauro Mota foi de João Cabral de Melo Neto e que a primeira pessoa a receber a notícia da vitória no Hotel Flórida, no Rio de Janeiro, foi a mulher do poeta, dona Marly Mota. Segundo a matéria, Mauro Mota começou a escrever aos 12 anos. Aos 16, teria ingressado na imprensa, no jornal *Diario da Manhã*, do Recife, posteriormente (sete anos depois), ingressado no concorrente *Diario de Pernambuco*. O texto também fala do lançamento literário de Mauro Mota nacionalmente com o livro *Elegias*, de 1952, que foi agraciado com o Prêmio Olavo Bilac, da Academia. Faz, ainda, outras referências a livros publicados pelo poeta, entre prosa e poesia, como *Imagens do Nordeste* e *Terra e Gente*. “A cadeira de Mauro Mota já teve cinco ocupantes: Guimarães Passos, que foi o seu fundador; Paulo Barreto, Constâncio Alves,

Ribeiro Couto e Gilberto Amado, que faleceu em agosto último, com 82 anos”, diz o texto de 9 de janeiro de 1970 (O ESTADO, 1970).

A cobertura mais elogiosa e completa ficou com *O Jornal*. A publicação, na edição do dia 9 de janeiro de 1970, não poupou adjetivos a Mauro Mota, como “retumbante estreia” (O JORNAL, 1970) a se referir à publicação das *Elegias*, em 1952. A publicação chegou a entrar em detalhes, em outras matérias, sobre até quem produziria o fardão, doado pelo então governador de Pernambuco, Nilo Pereira. “Venho trazer-lhe em comovido abraço o testemunho franco do regozijo do povo do seu Estado por ver mais um irmão atingir a glória da imortalidade” (O JORNAL, 1970), noticia o jornal, ao publicar uma nota do governador pernambucano na edição de 11 de janeiro de 1970. O fardão foi produzido, no Rio de Janeiro, pelo alfaiate Orlando Pena, que na mesma época produzia os fardões de dois novos imortais, Odilo Costa Filho e do general Lyra Tavares. “Explicou o alfaiate, que o trabalho é cobrado, uma vez que a confecção se reveste de todos os cuidados. Após tirar as medidas do novo freguês, cortar e fazer cinco provas, no mínimo, para que o roupão fique bem modulado no corpo”, destaca o texto de 3 de junho de 1970. O texto também trata do material do fardão: toda roupa era confeccionada em casemira especial, forrada em seda, ambas pretas.

Além do fardão, havia o chapéu tipo Napoleão, também preto com fios de ouro e plumas de avestruz. “A Pelerine – capa para ser usada sobre a roupa – também é de casemira preta (...). Ao alfaiate Pena cabe a parte de corte e costura, os bordados estão a cargo da bordadeira Nereida e o chapéu é com o Sr. Oscar” (O JORNAL, 1970). *O Jornal* também, em edição de 6 de novembro de 1971, traz o depoimento de Mauro Mota, reproduzido a partir de uma entrevista ao Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, sobre as doações que recebeu para a posse na Academia Brasileira de Letras. “A minha entrada na Academia Brasileira de Letras só foi possível porque os meus conterrâneos de Nazaré, do Recife e do Estado de Pernambuco me ofereceram o fardão, o colar e a espada, uma vez que jamais poderia comprar tais objetos do meu bolso” (O JORNAL, 1971). *O Jornal*, em 28 de agosto de 1970, também fez a cobertura da posse do novo imortal, colaborador dos *Diários Associados* em Pernambuco, dando ênfase ao currículo e o discurso de saudação realizado pelo imortal Adonias Filho. “A vossa vida

de homem, nascido e educado no Recife, será para sempre a vida de um escritor do Nordeste” (O JORNAL, 1970).

### **Rede de relacionamento**

O poeta e jornalista Mauro Mota testemunhou um dos crimes mais bárbaros da história do Congresso Nacional brasileiro. No dia 4 de dezembro de 1963, o senador de Alagoas, Arnon de Mello, disparou um tiro em plena sessão legislativa, em Brasília, atingindo o representante do estado do Acre, o também senador José Kairala, que acabou morrendo horas depois. O objetivo de Arnon, que é pai do ex-presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, era atingir o desafeto e também senador de Alagoas, Silvestre Péricles que, dias antes, o ameaçou, durante discurso no Senado Federal. Ao saber da ameaça, Arnon pediu a palavra ao presidente da Mesa, afirmando que faria um discurso voltado ao rival. Ao fazê-lo, os dois fizeram o gesto de sacar uma arma, mas apenas Arnon sacou e disparou o tiro. Péricles se abaixou e José Kairala foi atingido. Em matéria do dia 21 de fevereiro de 1964, meses depois do assassinato, *O Jornal* relata a conclusão do inquérito com sua penúltima testemunha do processo presidido pelo juiz Waldir Meureu.

Mauro Mota, que estava na sessão na tribuna de imprensa, foi ouvido por carta precatória, tendo o advogado Miranda Lima, de Arnon de Mello, viajado ao Recife para coletar o depoimento. “Soube (Mauro Mota), então, que fatos graves se esperavam ali, porque o senador Silvestre Péricles declarara que não permitia falasse o senador Arnon de Mello primeiro orador inscrito” (O JORNAL, 1964). Mauro Mota saiu em defesa de Arnon, que, anos antes teria sido alvo de agradecimento do poeta pernambucano por sua colaboração em terras no estado de Alagoas para a conclusão de sua tese *O cajueiro nordestino* (MOTA, 2011). A tese foi apresentada ao Instituto de Educação de Pernambuco para a obtenção da cátedra de Geografia do Brasil, em 1955. Mauro Mota declarou que viu quando o senador Arnon se levantou, declarou que estava emocionado e pediu a palavra, mesmo depois da ameaça de morte feita pelo então senador Péricles, caso Arnon falasse naquele dia.

“Viu (Mauro Mota) a seguir o senador Silvestre Péricles investir contra o senador Arnon de Mello, de dedo em riste e chamando-o de crápula, com fisionomia

furiosa. Baixou então a mão para sacar a arma, tendo, então, o senador Arnon tirado o revólver e disparado” (O JORNAL, 1964). A última testemunha foi o jornalista Aristeu Achilles, presidente do Sindicato de Jornalistas Profissionais de Brasília. O processo foi concluído e nenhum senador – Arnon e Péricles – foi condenado. Os dois prosseguiram suas respectivas carreiras políticas sem qualquer punição. A revelação deste caso, por meio da análise de *O Jornal*, nos revela a personalidade relacional de Mauro Mota enquanto intelectual. Mesmo em um caso gravíssimo, o poeta acabou saindo em defesa do amigo, no caso o senador Arnon de Mello. Neste sentido, dialogamos com o trabalho da filósofa Judith Butler (2017), que aprofunda as discussões em torno das relações e da construção do eu, a partir da relação com o outro, como é o caso das relações construídas por Mauro Mota com a imprensa e com o círculo intelectual ao seu redor. “Se entendo que estou te conferindo reconhecimento, por exemplo, tomo com seriedade o fato de que esse reconhecimento vem de mim. (...) Em certo sentido, submeto-me a uma norma de reconhecimento quanto te ofereço reconhecimento, ou seja, o ‘eu’ não oferece reconhecimento por conta própria” (BUTLER, 2017, p. 39).

Um bom exemplo da rede de relacionamentos criada por Mauro Mota está por meio dos artigos do pernambucano Osman Lins, no suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. Mesmo que muitos artigos de até outros jornais façam elogios à figura de Mota, percebemos que, em alguns casos, Osman contou com a ajuda do próprio Mauro (ou de alguém muito próximo) na construção de textos, alguns denunciando o próprio governo federal na liberação de recursos para o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), do qual Mauro Mota foi diretor executivo. No artigo, *O Instituto Joaquim Nabuco*, publicado na edição de 1 de fevereiro de 1958, Osman relata a história da instituição e trata de algumas pesquisas e projetos em andamento, a exemplo dos estudos sobre a poluição causada pelas usinas de cana-de-açúcar nos rios e pelo derrame de resíduos industriais. Porém, faz uma crítica severa a questão de recursos públicos na manutenção da instituição, subordinada ao Ministério da Educação e Cultura. “Esta resenha das atividades mais importantes do Instituto, dará por certo a impressão de que todas as facilidades lhe são propiciadas. Mas o certo é que tudo isto vem sendo feito contra dificuldades as mais constrangedoras” (LINS, 1958).

O articulista usa números para sua argumentação. Entre eles, diz que quase metade de suas verbas orçamentárias, por exemplo, se destinava à remuneração de contratados: professores e conferencistas, por exemplo, e que não poderia ser utilizada para outros fins, caso órgãos federais se oponham aos contratos. “E é precisamente isto o que sucede: embora feitos e apresentados com todos os requisitos legais, são os contratos recusados de modo sistemático” (LINS, 1958). Osman também critica o atrelamento do IJNPS ao Ministério da Educação, causando, segundo ele, o acúmulo de caprichos burocráticos. O autor termina o artigo argumentando que, felizmente, encontra-se no Congresso Nacional, no momento em que ele redige o texto, uma mensagem presidencial, acompanhada de um projeto de lei, que transformaria o instituto em uma fundação, libertando, assim, de amarras burocráticas da pasta ministerial.

Osman dedicou outros artigos a Mauro Mota. Entre eles, chamamos a atenção para o que trata do fim do suplemento literário do *Diário de Pernambuco*, do qual Mauro Mota foi editor entre os anos de 1947 e 1959. Na crônica do Recife, intitulada *Morre um suplemento*, Osman faz diversos elogios ao seu organizador e lamenta o fim da publicação pelo jornal pernambucano. “Um diretor do suplemento literário, numa cidade como o Recife, há que reunir, mesclada aos seus humanos e meditáveis defeitos, uma série de atributos raros, mais ou menos fáceis de encontrar em indivíduos diferentes, mas quase nunca coexistentes em um único homem” (LINS, 1959). Entre as qualidades, o autor diz, no texto publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 9 de maio de 1959, habilidade de tratar as pessoas, não afugentar os tímidos e conter as vaidades dos mais talentosos. “Ficamos todos mais pobres, mais desapontados e mais sós” (LINS, 1959). Textos como esse contribuíram para a consolidação nacional do nome de Mauro Mota, mesmo sendo um escritor e jornalista do Recife, cidade nordestina, fora do eixo político financeiro Rio-São Paulo, e do poder federal instalado em Brasília.

### **Considerações finais**

Ao optar por analisar matérias de “publicações nacionais”, fora do Estado de Pernambuco, terra natal de Mauro Mota, objetivamos um afastamento formal das relações que ele mantinha com a imprensa pernambucana. Até porque essa aproximação

territorial poderia podar, por vezes, críticas, ou até mesmo exagerar em elogios ao intelectual que nós estamos analisando para uma pesquisa de doutorado em andamento, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A utilização desses jornais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo não anula a leitura dos jornais pernambucanos, que é o nosso “dever de casa”. Como argumenta a historiadora Sabina Loriga, “não existe nenhuma regra formal” (LORIGA, 2011, p. 18) para o gênero biográfico, apesar de que nossa opção seja pela produção do que se convencionou como biografia intelectual. “Atestada desde a Antiguidade, a biografia é, desde a origem, um gênero híbrido e compósito. Equilibrando-se sempre em verdade histórica e verdade literária, sofreu profundas transformações ao longo do tempo” (LORIGA, 2011, p. 18).

De acordo com Loriga (2011), que é uma das referências do debate historiográfico na produção de biografias, numerosos estudiosos privilegiam uma narração cronológica seguindo as escansões biológicas da existência: o nascimento, a carreira, a maturidade, o declínio e a morte. “Mas isso não implica que a biografia deva necessariamente repousar sobre uma trama cronológica. Basta pensar em Plutarco, que coloca toda ênfase no caráter e nas qualidades morais do personagem, e não em sua vida” (LORIGA, 2011, p. 18). No nosso caso, optamos por fazer o nosso estudo, neste artigo, a partir da imagem construída para e pelo nosso personagem em jornais dos estados mais importantes do país na época, seja por ser o centro do poder, ou mesmo como local de consagração de literatos com obras de pretensão nacional. Por meio dessa análise, podemos constatar a importância dos *Diários Associados* na consolidação do nome de Mauro Mota na então capital federal, por meio de seus próprios artigos publicados e mesmo da atenção em repercutir suas obras e sua carreira, seja como gestor de instituições, jornalista ou poeta.

A leitura desses jornais também nos proporcionou exercitar a documentação de veículos impressos no Brasil – que hoje travam uma batalha pela sobrevivência dos seus jornais – como registro precioso da história da intelectualidade. Mauro Mota foi um dos poucos intelectuais de sua época que, para ter o reconhecimento nacional, não precisou, necessariamente, sair do seu estado. Em parte, esse feito só foi possível graças à cobertura e o espaço que conquistou nessas publicações fora de Pernambuco.

## Referências biográficas

- Alfaiate apronta fardões “imortais”. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 3 de jun. de 1970, p. 10.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CAVALCANTI, Paulo. **Homens e ideias do meu tempo**. Recife: Nordestal, 1993.
- CUNHA, Diogo. **Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964-1985)**. História Unisinos, Setembro/Dezembro 2014.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- DUARTE, Jodeval. **Agitação cultural: o suplemento e Mauro Mota**. Recife: Comunigraf, 2001.
- FREYRE, Gilberto. Centro de pesquisas. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 8 de abr. de 1956. Revista. Jornal em poucas palavras. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 24 de jan. de 1970, p. 2.
- LINS, Osman. Morre um suplemento. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 9 de mai. de 1959. Suplemento Literário, Crônica do Recife, p. 4.
- LINS, Osman. O “Instituto Joaquim Nabuco”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1 de fev. de 1958. Suplemento Literário, Crônica do Recife, p. 4.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- Mauro Mota depõe no MIS. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 6 de nov. de 1971.
- Mauro Mota eleito para Academia no 1º escrutínio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 de jan. de 1970, p. 2.
- Mauro Mota espera entrar na Academia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10 de outubro de 1969.
- Mauro Mota, o novo imortal. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 9 de jan. de 1970.
- Mauro toma posse como novo imortal. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 de ago. de 1970, p. 3.
- MORAES, Márcio André Martins de. **A importância do sentimento religioso para a interiorização do integralismo em Pernambuco nos anos 1930: o caso do município de Garanhuns**. Paralellus, Revista Eletrônica em Ciências da Religião – Unicap. Recife, v. 5, n.9, jan-jun, 2014.
- MOTA, Mauro. Amigo firme e leal. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 9 de jun. de 1970, p. 4.
- MOTA, Mauro. **O Cajueiro nordestino**. Recife: Cepe, 2011.
- MOTTA, Roberto. **Mauro Mota, Memória, Data e Festa**. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, número 65, 2012.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, V. I. Recife: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, 1968.
- Nilo dará fardão a Mauro. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 11 de jan. de 1970, p. 11.
- O que eles pensam, dizem, fazem. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 de fev. de 1957. Segunda Secção.
- PEREIRA, Nilo. **Mauro Mota e seu tempo**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987.
- Pernambucano Mauro Mota o novo imortal. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 9 de jan. de 1970, p. 2.
- Poeta recebe condecoração. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 de abr. de 1966.
- REVISTA do Arquivo Público, v. 1, n. 1, jan/jun. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987.
- Última testemunha do sumário do processo contra Silvestre e Arnon de Melo ouvida ontem. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 de fev. de 1964. 1º Caderno.
- VALENTE, Waldemar. **As diabruras de Mauro Mota**. Recife: Edições Pirata, 1986.
- Visita oficialmente São Paulo o governador eleito de Pernambuco. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 de nov. de 1952.